

PROSA POÉTICA, PARA POETAS DE ALMA POSSIVELMENTE CONFUSA

Baby, compra o jornal.
Aposto que não vai ter nada de novo.
Liga a TV e perca tempo,
porque tempo é mesmo tudo aquilo
que já passou.

Bebe água, toma remédio,
remédio pro que não se remedia
que é medo misturado com coisa e certeza,
que é confusão imposta borrando o nítido e o lúcido
razoável.

As coisas, quando não as escolhemos,
acabam por nos escolher.
Mas ora, coisas são só coisas.
E coisas acontecem a todo tempo.

O problema das coisas são os nomes,
porque em si mesmas
elas se descomplicam bem
e, denunciadoras do que são,
mostram-se inéditas e sabendo-se fazer,
e mostrar, e dizer sem dizer, puras.
Toda coisa é um beijo
lindo, puro, maravilhosamente bom,
e só não confuso porque sua medida certa
é toda a possível medida,
e num momento de tanta entrega,
beijando o beijo que são as coisas,
como pode alguém ter medo ou arrepender-se?

As coisas são todas muito inocentes e singelamente puras.
O resto é desleitura.

A confusão da maioria não nos serve.
Qualquer coisa é muito simples.
Difícil é dar-lhe palavra,
e quem quer?
E quem tem? Que codinome utilizar
para apelidar o Inominável de tudo?
E para que um catálogo tão completo
e burocrático,
legenda de todo o possível vivido?
Quem quer dar um nome
ao que simplesmente é sem saber-se?

A palavra não só dá peso e cara
mas conjunto à coisa nova, a qualquer coisa.
E o seu conjunto é complicado demais
para uma coisa tão singular
quanto o gênero real de coisas.

O que há num gênero?
O que dele há em cada espécime?

Nada, absolutamente nada muda
ou deve mudar, ou já mudou. Nada.
Porque uma coisa boa que não peça nome
não exige, não machuca, não pesa nem faz pensar.
Nem muda nada nem ninguém, nem é definitiva.

Uma coisa assim, bem entendida,
não muda nem nos transforma em nada.
Continua coisa, como um pente, uma bola,
uma boca, um cabelo, uma hora, um estado,
uma consideração.
Coisa coisa coisa
simplesmente!
e eu ainda me perco e se perde
não só nomeando
mas tentando precisar o que se sente.

Algumas exatidões são buscadas
à força de estrangulamento próprio.
E, obtidas, não fazem a mínima diferença.
Infelizmente, há desgraças que não vêm para bem,
e o mergulho na crise muda
que nada pode responder
não constitui exceção, ao contrário
sendo grande exemplo de fúria.

Sobretudo, que se perca a cabeça,
mas jamais, JAMAIS! o tato.
Tudo no mundo é só tato.
Nada mais importa.
E tato já tem nome.
Pra que simplificar mais?
Desmiuçar, saber o quê?

...

Coisas são só coisas.
O resto fica na nossa cabeça,
que não deve se confundir
com nomes comuns e classificações tolas.
Nome é tudo pressão auto-imposta.

Cada qual sabe o que sabe sem pronunciá-lo.
Até nisso está o que não tem nome.
Porque o nome é a parte mais pesada,
a mais tonelada de todas do mundo.

De resto, o que nos resta é todo o resto,
e todas as coisas.
Resta-nos tudo o que era, talvez mais
(a depender de nosso espírito burocrata,
catalogador, arrependista e, sobretudo, igual).
Este verso é para que não sobre menos,
porque menos de algo que é sempre pouco,
ainda que incomensuravelmente infinito,
é tão pouco que pensar nele dói a priori.
Eu não quero nem mais nem menos.
Preservem-se as quantidades da massa,
tanto faz!,
a farinha é que é de uma marca nova, boa e melhor.

Coisas descobertas não podem ter culpa,
nem são permanentes, nem fixas, nem eternas.
Nem dão medo, nem quebram laços:
ao contrário, reforçam unidos pelo símbolo que,
único, é também mudo e assusta um pouco,
pelo menos agora, pelo menos alguém,
e assim desde e para todo sempre.

Porque barato de signo é assustar quem brinca com ele.
Mas isso tudo passa,
tão rapidamente que só fica o rastro,
e rastro de signo depois que esfria vira memória,
dor ressentida, passado esquecível, caminho frio
de sangue sem sangue, de dor que encosta mas não bate.

Signo esvaziado é matéria pra esquecimento,
depois supressão, e faz nos passados todos possíveis
buracos inteiros
a serem recobertos com o reboco da mentira.

Crucial não é dar nome,
mas saber medir
e ser paciente com a própria balança.
Toda balança erra,
todo mundo.
Como, porém, descobrir o limite
entre o que é erro e o que é culpa?
Desapaixonar a alma, estando
- finalmente -
tranqüilo o corpo?
Suplício.

Signo é um negócio besta demais,
para bestas,
bestas que somos
e fomos
sem negar.

Signo é exclusivo de mamíferos,
e não há definição melhor para um homem,
nem maior exclusão de todo resto.
E o resto além do signo sem nome
é a mais pura neurose.

...

O Agora é assim que se revela.
Problema é conciliar Agora
com todo o resto do tempo.
Mas a gente consegue.
Eu sei.
O resto é só coragem.

E, coragem honesta,
qual de nós vai mentir que não possui?
Temos todos, todas as coragens,
e coragem pra apontar o defeito do outro,
que você só viu porque divide e tem.

É preciso ser honesto sem ressentir
o que se é, se foi ou se será.
Se será, porque do futuro nada se sabe,
nem importa, nem conta nem impõe nada.

Tudo que existe é Agora
e isso se faz assim.
Tudo que exceda o momento é loucura.
Fardo demais pra quem anda cansado dela.

Baby, compra o jornal mas nem leia.
Veja o horóscopo, reverente, e se pergunte aos astros.
Depois brinque de fazer laço de fita
nos cabelos das fotografias,
apodreça alguns dentes de caneta preta,
rasgue ligeira e porcamente algumas páginas,
jornais orelhas de burros.

Amor que amo sem amar,
que sinto mais do que quero,
que é mais do que bem-quisto e bem-vindo,
metade que já não me falta e ainda fala.
Razão e desmotivo de poemas
a que respondo, necessário,
descolando referência e referente,
tratando da obra de arte
tão pura quanto o possa ser qualquer outra prostituta.

Baby, amanhã não passa nunca, só vem,
é um trem correndo na frente e olhando
- com máscara de riso! -
para trás.

Ontem, o que é isso?
O que é o que a gente sabe, tranquilo?
O que já foi e sim, mas quer fazer confusão
porque o nome pede.

O nome, meu amor
(cujo “amor” pesa e os nomes rejeitam,
- nome precoce esse, e falso! -),
meu amor o nome só engana.
Nome nome nome.
Quantas vezes eu ainda falarei isso?
NOME É SÓ NOME.

...

Fatos são fatos.
Não se perca neles, nem no tempo,
nem no nome, absolutamente
não se perca
porque não é preciso,
nem bom, nem útil,
nem ninguém vai gostar
de se perder
no escuro da própria caverna
queimando, de propósito,
um mapa não tão bom quanto disponível.
E isso por ira confusa, rejeição cosmológica,
auto-aborto autoconsumidor
que,

no fundo, meu amor,
despenca no niilismo dos mais feios
e chora.

A incerteza, quando calma,
é bussolítica e guia.
O resto é barulho de trem,
e nosso ouvido cansado
não quer ter que ficar pensando
no que já sabe sem crise, mas ainda rejeita.

Baby, olha pro mundo e não pira,
porque ele é grande o suficiente
pra te engolir mas sem gosto,
e ele mesmo insosso
de todo tanto que poderia ser
e infelizmente acontece de ser.

O resto é só nome.
A graça do mundo é sem nome,
sem tempo, sem culpa, sem sexo,
sem arrependimento, sem projeção,
sem mudança.

Graça é completamente sem futuro,
e talvez só isso lho garanta.

O mais legal do mundo
é que ele continua o mesmo.
A gente é que não sabe ler ainda direito.

Baby, o poema é longo e a hora curta.
A Hora, qualquer delas, acontece de
justamente saber o próprio momento
e instante.

A hora não mente.
A data não mente.
Todo tempo e todo ser
é só e somente só
AGORA.

O resto é dor de corpo,
e passa com ele.

WFP
19.05.02
11h27
12h11

*Willian é filósofo, formado pela Unicamp e poeta.